

**MANUEL PEREIRA MEDEIROS
(RESENDES VENTURA):
MARCAS DE UMA VIDA**

José Luís Brandão da Luz

Universidade dos Açores e Instituto Cultural de Ponta Delgada
jbrandaodaluz@gmail.com

Vive-se no tempo e o tempo funciona por marcas. O que marca cada um em sua vida? O jogo entre leitura e escrita marcou de fato a minha vida.

Resendes Ventura, *Papel a Mais*

Manuel Pereira Medeiros pertence à memória dos anos sessenta do Liceu de Ponta Delgada, tendo sido, como o próprio confessa, intensamente marcado pela experiência da «paixão pela formação dos jovens» (*Papel a Mais*: 16). O professor do Liceu e o animador dos movimentos de juventude, em que sobressaía, pelo poder de mobilização, a então denominada JEC, era, pela veemência no discurso, entusiasmo nas iniciativas e espontaneidade de trato, que a sua juventude permitia, uma presença inspiradora que a todos atraía.

Vivia-se então um tempo sob o signo da “Vitória”, hino de exaltação que galvanizava as multidões, nos templos e fora deles, em ajuntamentos e desfiles pelas ruas. A mudança sacudia a cristandade, que se levantava como corpo vivo e atuante, não apenas ao nível da vivência religiosa, mas também na intervenção no espaço público, nos domínios social e político. Olhando este tempo com a distância que o passar dos anos permite, não poderemos deixar de notar as fragilidades que o venceram. O envolvimento mais direto das pessoas e o maior protagonismo que conquistaram faziam crescer a crença no valor do seu poder e responsabilidade na marcação do ritmo do andamento que tomavam. Era uma dinâmica que a todos entusiasmava, mas que trazia a *marca* da ilusão, própria dos processos de transferência que, naquele contexto, ar-

rastavam as pessoas para a militância possível, já que a de índole política lhes estava interdita e era até alvo de repressão, quando ousava manifestar-se.

A vida separou-nos na parte final daquele tempo, embora alguns encontros tivessem deixado *marcas* de que guardo grata lembrança. Não nos víamos muito, mas nunca nos esquecemos!

A minha memória do Manuel Medeiros não é propriamente feita da lembrança de episódios que teriam ocorrido num tempo deveras estimulante. Ela tem, certamente, esse tempo por referência, mas passa em grande parte pela sua obra poética, onde julgo descobrir *marcas* surpreendentes duma personalidade ao mesmo tempo complexa e fascinante que o passar do tempo fez ver com mais clareza. Trata-se, pois, duma memória que procura lidar com o passado de uma forma paradoxal de vida que, apesar de 78 anos quase cumpridos, não deixou de ser «curta e breve», como diz o poema que abre a «plaquete» *O Mudo Encanto*, mas que foi ao mesmo tempo pobre e muito preenchida, já que o poeta somente a sentia pobre no tempo que passava, mas não pobre no tempo que tinha vivido («pobre é do que sou não é do que já fui», ou na versão mais assertiva de *Mãe d'Alma*, «pobre é do que sou e nunca do que fui»). Evocamos as memórias do que perdura por nos terem tocado pelo lado das inquietações que nelas se agitam, mas também pelo otimismo que se não deixa vencer pela *marca* das ausências que salpicam de luz o caminho da vida.

Vida: o resto que sobeja

Para Manuel Medeiros, a vida encontra-se no sabor dos que tomam o «manjar servido (...) / saindo-nos dos olhos e dos gestos / e dos rostos em jeito de sorrir» («Amigo»). Na vida tomarão parte, certamente, as contingências dos percursos e a trama das relações que marcam o ritmo dos estados de alma que nos fazem oscilar entre a felicidade e a tristeza, o triunfo e a derrota, a grandeza de alma e a mesquinhez, a persistência e a insegurança e demais sentimentos que nos fazem experimentar maior ou menor estima por nós mesmos e pelo que os nossos projetos de vida realizam. Mas tudo isto pertence ao tempo que passa, não ao tempo que perdura, estando condenado a ficar sepultado num passado que não irá ressoar em outros tempos. Tudo se consumiu na fruição das vivências que se encerram no fundo mais íntimo de cada um, sem lograrem transmitirem-se por herança aos tempos que hão de vir. É um tempo que se esgota na posse das vitórias e derrotas que fazem da vida um somatório de sucessos sem história, porque só têm passado e não têm o futuro no horizonte. Torna-se por isso tempo morto e imprestável, marcado pela sequência de palavras e gestos esquecidos, que não foram fustigados pelo soprar dos ventos e o vaivém das marés: «O tempo de vencer e ser vencido / o tempo inútil / acabará» («Herança») porque fechado e esgotado na toca onde habitam os sentimentos possuídos. Tempo de uma vida que não se comunica e faz dos que

estão à nossa volta meros estranhos, alheios ao que somos e fazemos: «Bastardos e sem herança».

A vida não se confina ao projeto que se cumpre para edificação pessoal duma tranquilidade de consciência, que nos sossega e enobrece, ou dum falhanço que nos deprime e rebaixa. Pelo contrário, a vida está no que não guardamos para nós porque nos não pertence. Ou seja, a vida está no «resto» das palavras, gestos e sorrisos que nos escapa e os outros colhem. É um permanente «passar além de tudo o que já era» não para reaver a parte do passado que me pertence, mas, quando muito, para ver o destino que tomou o que fui sendo nas sementeiras feitas de «olhos de espera / para sossego tépido da tarde / em frente ao mar das ilhas». Neste «resto» que não me pertence e me sobeja, a vida ganha espessura e força para prosseguir, pois, conclui o poema «Herança», de *O Mudo Encanto*, que temos vindo a referir, «É no resto que vive quem viver / e mesmo que não reste tempo à vida / valeu por ter vivido a sementeira». A vida está no que se deixa, não no que se guarda em vivências que passaram. Todavia, porque o que se deixa nos não pertence, a vida não é legado, mas promessa de colheita que cada um apanha para si para de novo semear.

Para o poeta, o sentido mais autêntico da vida está no comunicar. É na palavra que confia ao vento que se sente ser, pois, diz ele: «o que sou, não sou e onde estou / só vive no que exprimo e nasce / do ser comunicado em que sou homem» («Logo existo»). Porque as palavras me não pertencem e se destinam a ser “manjar” de quem as colhe, a vida não se encontra confinada às fronteiras do eu que pensa, quer ou não quer, mas também imagina e sente. Pelo contrário, a vida é um permanente ressurgir da morte do que me escapa, que é o destino das palavras ditas e deixadas à sua sorte. Nas palavras do poeta, a vida compreende-se como um «ressuscitar da morte das palavras / e de outros gestos e de todos os momentos / em que sempre morri de tudo em que nascera» («Logo existo»). Palavras e gestos lançados em sementeira tornam da morte à vida pelo encontro que as recolhe em «Terra onde nascer» («Logo existo»). É sempre a dialética entre o morrer e o renascer das palavras, dos gestos e do sorriso que na imagem da sementeira opera o abandono da morte e a renovação da vida. O confronto que essa apropriação realiza com a palavra dita, o gesto, o sorriso ou o silêncio de nada para dizer faz renascer a vida das sementes recolhidas. A palavra, na sua articulação discursiva, não será propriamente o lugar em que se poderá deixar exarado qualquer julgamento sobre o que quer que seja: «Nenhuma verdade quis / ser contida na palavra» («Resumo dos dias»). A palavra deixa sempre opacas zonas de mistério. Só o vento que as dispersa e o mar que as arrasta as purifica para as fazer renascer naqueles que as encontrarem e, recolhendo-as, as tomarem por herança.

A ideia condutora de Manuel Medeiros é a de uma adesão incondicional à força que a expressão transmite, seja ela feita de palavras, gestos, o simples sorriso ou o silêncio de «nada ter pra dizer» (*Mãe d'Alma*). Em «Logo existo», compraz-se em afirmar, em jeito exclamativo, que as palavras são a sua essência e têm raízes mergulhadas no mais profundo de si mesmo, certamente, nas suas convicções, nos seus ideais, mas também

nas suas incertezas e interrogações. Mas este sentimento não parece alimentar o projeto de um discurso magistral ou doutrinal para ganhar adeptos ou abanar certezas. Logo de seguida, lastima a falta que lhe faz a ilha e o seu vento onde as palavras e os gestos cumprirão na verdade o seu destino. Lançadas ao vento e ao vaivém das ondas do mar, as palavras e os gestos não formam tratados nem ministram lições, mas serão «como farrapos de nuvens pelo céu» («Farrapos») que valem pelos sinais que transportam e pelo que sugerem aos que nelas fixam o olhar. O poeta não se apresenta por modelo nem se toma por mensageiro de novos rumos: «De espelhos quero-me fugido/ Se me encontro/ como andarei comigo pela relva/ — único regaço a meu olhar/ na cidade inabitável?» («Sementes», versão de *Mãe d'Alma*). Mesmo no limite do “resto” do seu tempo, não desiste de caminhar por entre palavras, gestos, sorrisos e silêncios que espalha por onde passa, como sementes que não deixam de ser pedaços de si mesmo ou, talvez também, da companheira de vida, sua mulher, Fátima Ribeiro Medeiros, a quem parece dirigir-se no poema final de *O Mudo Encanto* denominado «Sementes», que transcrevemos parcialmente, na versão de *Mãe d'Alma*:

Acorda
 Por simpatia, vem
 No verde da montanha
 Rever comigo todas as
 Sementes que entregámos
 Ao tempo, à sorte e ao amor
 E que o sol, a chuva, os vendavais
 Fizeram suas – as nossas! –
 E plasmaram
 Em tantos farrapos de destinos:

Que vê-las é saber de histórias
 Nem sequer suspeitadas e vividas
 Com as nossas vidas como formas.

A lembrança da atitude socrática, que marcou o filósofo ateniense até ao final dos seus dias, de exortar jovens e velhos a cuidarem sempre de se interrogarem, impõe-se-nos de forma irresistível para traduzir o estilo de vida de quem escolheu por morada o centro da rebentação do mar e a agitação do vento. Não tanto porque se quer fazer crer que estamos à deriva, sem rumo e sem bússola, mas antes, porque tudo o que fazemos nasce «em vaivém/ para um e outro lado vai passando» («A casa de meus Pais»). Não se recusa a tarefa sempre por cumprir de dar vida à comunicação, mas quer-se evitar o perigo de se tornar em uma das muitas «vozes sem eco» que se perdem na «vulgaridade do tempo mais normal», tempo que não conta para aumentar os anos da nossa vida.

Sempre a mesma ideia de que a vida vale pelas colheitas das sementeiras que fazem aqueles que as encontram. O poeta encara a vida como uma *releitura* em que alguém

se dispõe a dar ressonância ao que ele fez nascer e atirou ao vento. A releitura que vemos no centro da expressão poética de Manuel Medeiros não deixa de nos remeter para o *relegere* que uma certa tradição a partir de Cícero apresenta como uma das fontes etimológicas de religião (*religio*). Derivado de *legere*, que quer dizer “colher” ou “reunir”, a palavra transporta consigo a ação de juntar ou reunir as sementes que encontramos no caminho para lhes dar uma nova vida. Neste sentido, cumpre-se uma missão religiosa que não passará tanto pela experiência que outra tradição, com origem em Lactâncio e Tertuliano, faz derivar de *religare*, proveniente de *ligare*, que quer dizer “ligar”, e que se articula certamente com uma dimensão de ordem transcendente introduzida pelo cristianismo. Nos dois casos, porém, parece tratar-se sempre de uma ação de reunir, que se opõe à dispersão ou disjunção absolutas, em que tudo se perde e desagrega irremediavelmente por falta de quem se disponha a recuperar e dar nova forma ao que o vento e o mar espalha. A tradição estoica parece mais próxima da visão humanística do poeta, menos preocupado em apontar para ligações suscetíveis de despertar nas pessoas sentimentos de exaltação interior que quedariam confinados à intimidade de quem os vive, mas mais disponível para valorizar a “militância” da sementeira e a experiência da “colheita” e até mesmo do “recolhimento”, que faz nascer um novo homem. Nas duas etimologias somos conduzidos ao mesmo, ou seja, a uma resistência ou reação à desagregação que destrói e, em contraponto, à experiência revigorante de nos sentirmos tocados pelas *escolhas* que fazemos do que juntamos pela vida fora. É a história que se continua e em que navegam farrapos de gestos, palavras e silêncios que o poeta faz nascer e lança ao mar e ao vento.

Manhã de sol longínqua

O poeta caminha em obstinada recusa a conceder guarida ao descanso. A viagem por entre leituras e escrita marcou, na verdade, a vida de militância inquieta da palavra e da procura dum amanhã que tarda em chegar. Como diz em *Passos de Viagem*, no poema «Ansiedade», a sua viagem faz-se por «ruas escuras», em clamor pela «dádiva da luz». É um caminhar inseguro, feito de «passos medrosos/ Na ansia do Lume/ Que lhes abra o caminho». O animador de juventude dos tempos do Liceu tinha a alma a chorar «Em lágrimas de rio/ Por pedir-te, oh Sol/ que apresses o amanhã». Debaixo da força que a todos incentivava, estava o poeta a vaguear por caminhos escuros à procura da luz que lhe fugia para o lado das «águas sossegadas da baía/ Lá onde o Sol penetra até ao fundo!» («Esperança»). Vive o destino do *homo viator* que carrega sobre si o peso das suas incertezas e que, no poema que abre *Passos de Viagem*, pergunta perplexo: «Porquê esquecer/ Quando foge o dia/ Que o sol não se apaga?». Ao mesmo tempo, o poeta mostra-se movido pela esperança e também pela determinação de não exhibir ao mundo «uma bandeira de vencido» que diz ser «A bandeira sem luz/ Da noite sem destino» («Rumo»).

Os poemas de *Passos de Viagem* estão especialmente marcados pela dilacerante dissonância entre ideais sonhados e a ausência de vigor para os manter erguidos. Em «Miséria», os sonhos apodrecem em águas estagnadas e o poeta sente os pés colados à terra e os braços caídos, como mortos, a viver «a miséria duma vida/ Que grita por ser tudo e nunca é nada». Uma encruzilhada interior dilacera a alma que se sente incapaz de se reconciliar consigo. O caminho da noite escura, o caminho longo das luzes ao longe na manhã que brilha, deixa perdido o poeta «Dividido sempre entre mim e mim» («Perdido»). Os seus passos erram na viagem ao ponto de se sentir cansado e pobre, «tão pobre./ De me ter a mim» («Perdido»). Também em «Rumo inviolado», a fraqueza do humano mostra as suas limitações frente à torrente das águas vigorosas que lhe escorrem das mãos «Porque os dedos se tornaram/ Frágeis demais para a suster». Porém, alimenta a esperança de não perder o rumo, pois «a vida ainda encontra os atalhos abertos/ Para um rumo inviolado de luta e esperança» que o poema «Incerteza» remete para o raio que o Sol guarda «detrás das nuvens».

Mesmo quando se sente perdido e os caminhos se negam aos seus passos, como diz no poema «Perdido», não se deixa cair de vencido e prossegue na certeza de encontrar o Dia: «Lá vou de novo buscar-me/ Nos matagais das encostas» («Perdido»). A dureza da vida e as agruras dum caminho feito de pedras não o desalentam na viagem, ciente de que ela há de conduzir ao Sol quente da manhã. Por isso, a intempérie não o fará desistir. O deserto não é a meta, há que continuar em frente na direção que levamos:

Rememos ... Como é dura a vida!
Rememos em direção ao porto.
Quando passar a tempestade
De novo se há de ver a sombra das gaiivotas
Na água espelhada do mar.

(...)

Rememos, Irmãos, em direção ao porto.
Um dia chegaremos! E o nosso destino
Há de baloiçar-se fresco e leve
Nas águas sossegadas da baía,
Lá onde o Sol penetra até ao fundo!
«Esperança»

O caminho, sem dispor de roteiro, deixa-se conduzir pela força do vento que «não se deixa ver» e vai «para além dos mares», até perder-se no deserto («Vento»). Mas, apesar da aridez, é possível descortinar raios ténues de luz de um amanhã distante: «A vida dói e a esperança dura» («Esperança»). A viagem faz-se por caminho estreito, subido e pedregoso, onde poetas, santos e filósofos vislumbram luzes que acenam de longe, aos «olhos cansados de lutar» («Perdido»). Também para o poeta, pelo menos, quando vestia a pele de Manuel Pereira, o deserto do caminho não o deixa morrer de sede, nem sucumbir na aridez. *Passos de Viagem* são um misto de tropeços e de triun-

fos: «Em cada pedra a dor do meu tropeço/ E em cada flor a luz do triunfar» («Roteiros»). Sobrevive sempre a esperança de que «na suma agonia o fogo há de levar-me/ A ser mais do que eu» («Canção da Liberdade»).

A marca de uma vida mergulhada na dor da ausência duma manhã de Sol longínqua e o sentimento do encontro distante, que a «Canção da Liberdade» deixa transparecer quando diz que «O meu dia despiu a triste sombra/ E a luz da Esperança/ Sorri-me pelo Céu», convivem em desequilíbrio, mas sem se perderem de vista: «Gota de água caindo sobre a flor./ Basta para que tudo tenha brilho ...» («Encontro»). Um certo alento parece não fazer esmorecer o ânimo da rude tarefa de viver:

Mas vamos lá embora!
Para além de todos os fracassos
Há sempre a grande Esperança
No estar do passo com o pé no ar.

Ah! Ficar só ganha o desespero
Da renúncia à morte desta sede
Que fará da minha alma eternamente
Um deserto sem vida!

«Persistência»

Todavia, o ânimo que impede desistir do caminho parece todo feito de espera, condenado a viver do que vislumbra ao longe, sem nunca nada possuir. É uma espera de menino a quem o poeta exorta a confiar: «Mantém puro e vivo/ O teu esperar./ (...) há de vir o sol./ Confia na vida!» («Confiança»). Será o desejo de manter a confiança num desígnio a cumprir que mantém viva a alma no meio do vazio que a experiência dilacerante do deserto provoca. Trata-se duma temática muito presente na literatura que procura compreender a singularidade da experiência religiosa como atração duma ausência e que Simone Weil concedeu amplo desenvolvimento na sua obra. Só o desejo de manter a esperança viva a conserva permanentemente atuante. Sem se deter em nada que o possa preencher, nunca se extingue nem perde energia. A apropriação de qualquer conteúdo poderá criar o sentimento de conforto e consolação, mas faz morrer o desejo nos limites da realidade a que ele se liga. Só o desprendimento poderá iluminar o vazio da alma e dispô-la para a espera.

Na poesia de Manuel Medeiros são recorrentes os ambientes extremos de luz e de sombras que marcam em tons de claro-escuro todo um percurso que se inicia cedo, com a manhã dos dias, sempre com os olhos postos na espera que o cair da noite não faça esquecer que o fogo do sol jamais se apaga. A vida é um ciclo sempre por acabar e em luta permanente contra o desalento, como deixa transparecer no poema «Procura», em *Papel a Mais*: «Por mais que me esforçasse todo o dia/ seguindo por teus passos como guias/ a noite ia chegando ... não te via./ Perdi com a noite a direção/ e vendome em regresso ao mesmo ponto/ tornou-se-me infinita a solidão» (p. 93). É a sina do poeta que desde a juventude foi «apanhado pelo tema do inacabamento», conforme

confessa em *Papel a Mais*. E esta situação torna-o permanentemente distante de si próprio, pelo menos do que procura ardentemente vir a ser. Porque «Tudo o que existe à vista, existe pouco» («Pobre entendimento»: 99), acaba por ficar só, com as mãos frias e sem nada:

é triste e alegre
ter a vida longe
num perdido fim
por a ver assim
nestas mãos vazias.

Ah! Que mãos tão frias!
«Mãos frias»: 94.

Em alguns poemas acompanhamos a descida do poeta a uma grande solidão em que nem as ausências sobrevivem. «O canto solitário», em *Papel a Mais*, é uma lamentação pungente de desencanto! Toda a procura de que é feita a vida ruiu na derrocada da esperança que tombou: «procuramos o quê/ se já destruímos/ em nós mesmos/ e no mais que nos cerca/ todos os sinais que nos guiavam?» Porém, a palavra final de *Papel a Mais* continua a ser um sorriso ao futuro. Como escreveu em «As muitas e tantas e inúteis palavras» (*Papel a Mais*: 111-112), Resendes Ventura olha os seus dias, que chegavam em atropelo até ele, e parece ver-se como num quadro, feliz com o que vê: «preso o que sou em sempre-na-procura da Palavra Essencial. ‘A Única Palavra’». E de imediato pergunta, como quem recusa dar tréguas à corrida dos dias, «Encontrá-la-ei? E como? Onde está à minha espera? Ouvi-la-ei dentro de mim? Ou há que recebê-la por mensagem de alguém das coisas dos fatos?» Toda a sua vida tem a *marca* das palavras: «Não sei de separar a vida das palavras». Palavras da procura, das perguntas e do «Silêncio que abrem por resposta!» Mais à frente, em «A última palavra» (p. 150), confessa a sua dívida integral às palavras que o tornaram cativo das suas sombras: «Aprendi em palavras quanto sei./ mas nelas me restou sempre o mistério». As palavras não tecem discursos, tarefa inútil, mas fazem nascer o silêncio: «Oh! Como é grande espantoso e profundo o Silêncio! ... O Silêncio de todas as palavras que ouvimos ou dizemos! ...» Por isso exclama, em dois versos que encerram este pequeno e precioso texto «As muitas e tantas e inúteis palavras»: «Como não esperar todos os dias/ a Palavra que diga este Silêncio?!»

As palavras não valerão tanto pelo que dizem, mas pelos apelos que fazem, como diz em «Horizonte». E será por se sentir impelido pelo «sonho/ de alcançar/ a luz/ que me deslumbre» («A dureza das pedras»: 272) que o poeta se confia à imensidão dos horizontes que o mar abre à procura que o seu caminhar persegue sem descanso. É o destino que o poeta “cultivou” com afeição, como quem afaga o amor intemporal do sonho de se ver a cultivar, de vez em quando, o bocadinho de terra que conservava

como relíquia em *Água Retorta (Papel a Mais: 57)*, a terra natal que cantou e lhe deu a visão sem limites do mar. Em diversas ocasiões, vemo-lo a transportar consigo as suas ligações à terra, aos seus ambientes, aos seus antepassados. O registo desta herança, que se tornou a *marca* indelével de um percurso de vida de abertura sem condições, deixou-o de forma lapidar nos versos singelos seguintes:

Nasci num mar que me deu
Um horizonte sem fim
Nunca ninguém respondeu
Melhor do ele às perguntas
Que nascem dentro de mim.
«Horizonte»: 274.

Situação paradoxal para quem se diz «filho da Mãe Terra e da Leitura» («A Leitura»: 269), onde nunca teria encontrado abrigo, mas sempre se achou ao relento. Parece que somente a ausência de resposta às interrogações do poeta o faziam, por um momento que fosse, sorrir ao seu futuro!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PEREIRA, Manuel, 1963, *Passos de Viagem*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
VENTURA, Resendes, 1987, *O Mudo Encanto*, Setúbal: Culsete.
VENTURA, Resendes, 1993, *Mãe D'Alma*, Setúbal: Edições Legenda – Culsete.
VENTURA, Resendes, 2009, *Papel a Mais. Papéis de um Livreiro com Inéditos de Escritores*, Lisboa: Esfera do Caos Editores.
VENTURA, Resendes, 2013, *A Noite Enlouqueceu o Silêncio*, Setúbal: Edição muito cá de casa/ DDLX.